

Universidade: um organismo doente

Ivo Barbieri

UERJ-LETRAS

GIANNOTTI, José Arthur. *A universidade em ritmo de barbárie*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

“Escrevi este texto como um panfleto, fazendo das idéias armas de combate”, diz textualmente o autor em nota preliminar ao livro. Mais adiante, já no meio da reflexão, delimita o campo de combate: “Pretendo apenas salientar os obstáculos que travam o jogo universitário e igualmente indicar como as forças internas de mudança não tendem a reforçá-lo ou a regenerá-lo, tornando-se empecilhos ao seu restabelecimento”.

Esses dois período definem o alvo e o meio utilizado para atingí-lo. O Autor faz uma crítica acerba à situação vigente em nossas Universidades, usando uma linguagem veemente e mesmo panfletária. Professor universitário de carreira, familiarizado com as miudezas do dia-a-dia que enervam a vida acadêmica, ao mesmo tempo que partilha dos anseios mais puros daqueles que sonham com uma universidade digna, o Professor Giannotti jogou com esse libreto mais combustível na caldeira já bastante aquecida da discussão acadêmica. De recorte nitidamente polêmico, *A Universidade em ritmo de barbárie* repassa algumas idéias correntes hoje no meio universitário, perfilando o emergir das contradições e incoerências intestinas contra o horizonte do mundo contemporâneo. Ainda que esquematicamente, deixa bem claro nas páginas iniciais do seu ensaio como civilização e barbárie andam de mãos dadas. As ondas avassaladoras de embrutecimento crescem na medida em que a sociedade de massa do capitalismo pós-industrial aprofunda a alienação das consciências e reifica as relações sociais. Contra esse esboço de crítica geral da cultura, emoldurada por uma sociedade cultural e economicamente dependente, o Autor focaliza os males da Universidade brasileira. A sua visão, nada lisonjeira, sublinha o

diagnóstico com termos fortes a denunciar a gravidade do mal de que é atacada a instituição: "A maioria das aulas e das pesquisas fabricadas numa universidade se reduz ao mero ritual que alimenta um organismo em profundo estado de coma".

Em outra passagem se refere "ao professor que se fossiliza" e o "funcionários que se esclerosam".

Através dessas metáforas, o Autor firma seu diagnóstico que dá a universidade como um organismo doente. Se a interpretação dos sintomas em discurso de metáforas biológicas é sombrio, a tradução do diagnóstico para um código político não é muito alentadora. É, de resto, na análise política que o autor concentra todo o seu poder de fogo. A hipertrofia do poder burocrático sufocando a hierarquia do mérito, o poder sindical-corporativo triturando o poder acadêmico e o engodo do populismo e do assembleísmo substituindo o fazer pelo faz-de-conta, são desvios que o autor aponta num organismo vocacionado para a qualidade e a excelência. Questões cruciais, como autonomia, autoritarismo, democratização não deixam de ser enfrentadas. O Prof. Giannotti, um democrata que sentiu na pele e na alma as investidas do autoritarismo, sabe que só pode haver vida universitária plenamente responsável em clima de absoluta liberdade. Por isso faz da dupla autonomia-avaliação um binômio inseparável. Como faz da participação a parceira indissociável da democracia.

Ao escalar gama tão extensa de questões, o autor não pôde se deter mais na análise particularizada. E ao privilegiar o enfoque dos obstáculos e empecilhos, deteve-se na fase de terraplanagem, feito o que, mais adiante, se elaboraria o projeto que sobre ele viesse assentar. O embrião desse projeto, expurgado dos males que o distorcem, palpita subjacente à crítica contundente, aflorando aqui e ali. A base em que se funda está no que o autor chama de "poder acadêmico", contraposto ao poder sindical-corporativo. O poder acadêmico é o espaço da hierarquia dos méritos, lugar do conhecimento novo, abandono das seguranças e assunção de todos os riscos que a aventura do saber sem compromissos propõe. Essa emergência de uma universidade em horizonte novo se dá na antítese da contradição civilização/barbárie. Por isso, sendo esta a realidade de superfície, aquela só pode se concretizar no horizonte *in fieri* da história. Na visão dialética do Professor Giannotti, a afirmação da universidade no Brasil passa pela negação da universidade existente. Esse horizonte, situado na margem oposta do momento de morbidez, é um *locus amoenus*: "Neste jardim só entra quem souber geometria."